COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Estudos Queirosianos. Ensaios sobre Eça de Queirós e a Sua Obra', de Carlos Reis]

Annabela Rita

Para citar este documento / To cite this document:

Annabela Rita, "[Recensão crítica a 'Estudos Queirosianos. Ensaios sobre Eça de Queirós e a Sua Obra', de Carlos Reis]", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 481-482.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

com bonita leveza de pincel, e, de modo mais apoiado, Estrela Faria. Ou só em esboços de tipos, Tom — Thomaz de Mello — ilustrando *Eça de Queirós e os Homens de Leis* de Ary dos Santos, em 1945. Mas foi, nesta geração, Júlio de Sousa, com os hábeis e inteligentes bonecos de pano, que o SPN-SNI expôs, nos anos 50, quem criou uma galeria de tipos altamente espirituosos — com uma belíssima Maria Eduarda, pedra de toque do seu acerto. Mesmo que seja acerto de uma leitura mundana do romancista, o que não é de estranhar, antes pelo contrário, no círculo a que então se destinou.

Académica de excelente elaboração é a intervenção de Lima de Freitas para uma edição d'*A Ilustre Casa*, da Verbo, em 1973, ou d'*O Suave Milagre e Outras Páginas* (Livros Unibolso, s/d), ou para *Os Maias* em 1988 (edição da Árvore, Porto, com outros ilustradores), mas com um Carlos e uma Maria Eduarda neutros. Emmerico Nunes, nos 40, fez uma série de capitulares, certamente para uma edição de *A Cidade e as Serras* (concurso? — aventa-se a hipótese), sem grande qualidade, mas junto delas há uma visão do 202 com o grã-duque a descer a escadaria de Jacinto, que tem humor de notar.

Júlio Resende, José Rodrigues, Júlio Pomar, Luís Filipe de Abreu, Bartolomeu dos Santos ocasionalmente aparecem, como já Arnaldo Ressano (e é um excelente Acácio o seu, em 43, a par de Rocha Vieira ou Santana em livro organizado para a Portugália por Luís de Oliveira Guimarães) e o António, em 2000, com uma modernizada proposta de Dâmaso, tão *jet-set*... Mais raramente ainda, já em 1997, Paula Rego pintou em Londres uma série de composições sobre *O Crime do Padre Amaro*, com violência maligna que a levou a imaginar bem a figura de Amaro e da sua vítima.

Mas há uma excelente galeria de 18 personagens imaginadas para a adaptação teatral d'*A Relíquia* de Sttau Monteiro e Artur Ramos, em 1970, que propõe uma leitura de gozo aprofundado do romance de Eça. O seu autor, João Abel Manta, pondo, em 1974, o romancista a mover os seus títeres (e como tal bem os entendendo), dá a estas figuras uma perfeita verosimilhança (mas não, porém, a Maria Eduarda...), e pode desenhar o seu autor a reflectir ironicamente sobre o 1.° de Maio, em 1979; e, já em 2000, debate-o com duas amálgamas picturais para ilustração d'*A Relíquia* e d'*Os Maias* — e, nesta, faz emergir uma figura solar que é então Maria Eduarda...

Vários brasileiros sem grande relevo ilustraram também a obra de Eça, até ao estilo *naïf* bem descabido de Marly Mota, em 1995. BDs variadas, n'*O Mosquito* ou no *Diabrete*, em Lisboa, 1950 ou 52, de E. T. Coelho ou Fernando Bento, mal merecem lembrança, na sua banalidade habitual de composição e traço, infelizmente proposta a leitores infantis.

Mas a sua própria encenação não deve deixar de remeter para outro tipo de ilustrações, animadas em ecrãs de cinema — e desde 1922, com três *Primos Basílios* em que Amélia Rey Colaço foi Luísa e Robles Monteiro o primo, mudos, sob a direcção de Georges Palu. Depois, foi no México em 1934 e, infelizmente falando, em 1959, na realização de António Lopes Ribeiro, com o único acerto de António Vilar — Basílio *rastaquère*. Recentemente, a televisão ofereceu uma infindável adaptação d'*O Conde de Abranhos*, abusiva de estupidez.

E o teatro? Foram dois *Primos Basílios*, logo no Brasil, em 1878 (como vimos, pelo comentário amistoso de Rafael Bordalo), e, em Lisboa, numa noite só do Gymnasio, com, supõe-se, outra peça. E ainda um *Conselheiro Acácio* de Angelina Vidal teve encenação, diz A. Forjaz de Sampaio que em Alcobaça, pelos anos 20 provavelmente. Nos anos 30, porém, o palco do D. Maria vibrou com uma adaptação de Bruno Carreiro d'*Os Maias* — e lembro-me (por maiófilo...) de uma história bem montada, com dramáticas molas, e de uma Amélia Rey Colaço bela e convincente, do Robles, avô nobre, de Samwel Dinis, de Ega, com a sua rigidez sem espírito, não sei de quem como Dâmaso (Villaret?) que me fez rir. São impressões bem antigas, mas nelas cabe, ai da minha inocência de então!, o Raul de Carvalho a fazer de Carlos, galã canastrão que me indignou a imaginação...

O álbum de Campos Matos dá-nos agora o gosto de rever, com o seu movimento relativo, que raramente vem do interior do sonho, as personagens com que muita gente cresceu, lendo, e permite comparações de concordâncias e discordâncias. Mas concordância por concordância, de espírito, parece-me poder chegar-se à conclusão de que, neste largo panorama de nomes bons e (muito) menos bons, ela cabe só a Bernardo Marques. E dir-se-ia, por fim, que é uma questão de *classe*...

José-Augusto França

CARLOS REIS

ESTUDOS QUEIROSIANOS
ENSAIOS SOBRE EÇA DE QUEIRÓS
E A SUA OBRA

Lisboa, Editorial Presença / 1999

Carlos Reis iniciou, como sabemos, uma reflexão académica sobre a obra queirosiana com *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós* (1975), dissertação de licen-

ciatura datada da época da euforia estruturalista. Essa «aventura» (*sic*) favoreceu o desenvolvimento de um trabalho sistemático sobre a obra do escritor oitocentista conducente, afinal, ao projecto de uma edição crítica que restituísse os textos à sua versão mais fidedigna, projecto já em concretização e que o estudioso coordena. Este itinerário inscreve-se num percurso de docência, investigação, ensaística e direcção administrativa e científica (desde os Estudos Queirosianos, na Faculdade de Letras de Coimbra, à Fundação Eça de Queirós) perscrutável na informação curricular do Autor incluída no volume em apreço.

Como indicam o título e o subtítulo, trata-se de uma recolha de ensaios escritos ao longo de 15 anos, e caracterizados naturalmente por diferentes abordagens. Organizam-se em três secções, numa trajectória que representa também, de certo modo, a da reflexão queirosiana do A. até ao questionamento da *litera* do romancista: «Imagens», «Discursos» e «Eça de Queirós Revisto».

Na primeira secção, ciente dos protocolos e dos desafios da tarefa, Carlos Reis ocupa-se das imagens que o discurso queirosiano foi *representando* e *transformando* de texto para texto: as das instituições (incluindo a própria literatura), as da geração do autor oitocentista, as de escritores e as autorais.

Nesta secção de *presenças* notórias e notáveis, a primeira é a da *criação literária*, observada desde a mais tradicional elaboração ficcional da figura do *escritor* como *personagem* até ao moderno «gesto enviesado» de obra irrealizada de Fradique Mendes (cf. p. 29). Segue-se a análise da presença do romantismo na obra queirosiana, quer destacando momentos textuais privilegiados (como «Um Génio Que Era Um Santo» do *In Memoriam* de Antero ou *A Ilustre Casa de Ramires*), quer examinando o itinerário criador de Eça, quer, ainda, oscilando entre os seus textos ficcionais e os de reflexão. Também Coimbra se faz vislumbrar, em registo nostálgico, crítico e incisivo ou largamente descritivo. Antero, entre a amizade, a cumplicidade estético-ideológica e a admiração clara ou imprecisa, vai sendo oscilantemente configurado como grande protagonista da geração, «bardo dos tempos novos». Camilo é o interlocutor de uma polémica virtual, justificada pelas fracturas estético-ideológicas, cuja irrealização se perscruta; António Sérgio surge como leitor cujas «limitações teórico-metodológicas» se recenseiam (cf. p. 90).

Na secção «Discursos», Carlos Reis procura observar o modo como Eça propôs temas, valores e figuras responsáveis por outros discursos, com realce para Fradique Mendes: o do naturalismo, do qual o autor se aproxima para depois se distanciar; o da História, claramente inscrito na ficção e sintonizado, no plano filosófico, com o de Oliveira Martins; a crítica a uma burguesia liberal moralmente inquinada; a pluridiscursividade, a alteridade e o desdobramento desde *Os Maias* a Fradique, «esboço heteronímico» e «precursor da modernidade» (p. 155).

Por último, em «Eça de Queirós Revisto», Carlos Reis dá conta de aspectos relacionados com o trabalho da edição crítica e o conhecimento da «oficina queirosiana»: da sistemática reescrita de edição para edição (revisões e refundições) e de texto para texto, numa «prática alargada de transtextualidade» ou «autotranstextualidade» (p. 179) e do «síndrome do plágio», em Eça de Queirós, até à exposição do plano editorial em via de concretização pela equipa que coordena.

No conjunto, portanto, Carlos Reis oferece-nos uma perspectivação diversificada da obra queirosiana, deixando-se ver também na sua oficina de leitor (transitando de um tipo de abordagem para outro, recenseando diferentemente o mesmo material, expandindo a observação no sentido da História, da literatura de outra autoria, restringindo-a e aprofundando-a na busca da textualidade mais rigorosa, etc.), seguindo uma trajectória que, além de representar a da sua leitura de Eça, acaba também por fazê-lo em relação à dos estudos queirosianos em geral, no âmbito dos quais o ensaísta se salienta e cuja dinâmica tem influenciado.

Annabela Rita

MARIA JOÃO REYNAUD

METAMORFOSES DA ESCRITA
«HÚMUS», DE RAUL BRANDÃO

Col. Campo da Literatura / Ensaio
Porto, Campo das Letras Editores / 2000

Uma «rápida travessia da obra de Raul Brandão», em introdução subintitulada «No limiar da Modernidade», busca «pôr em evidência as linhas de força de uma estética invulgarmente coesa e que tem em *Húmus* a sua realização mais perfeita» (p. 55).

Analisando K. Maurício, «figura literária criada por Raul Brandão» como «protótipo do artista decadente e nevropata» (p. 23) — inspirado, até no seu proudhonismo, no Maurício/António Pedro Lopes de Mendonça de *Memórias de Um Doido* (1849, 1859), a que se não presta atenção, e antecipa, igualmente, o jogo de reescrita de *Húmus* —, vemos esboçados «os grandes temas brandonianos: a dualidade do 'eu', a vida como ilusão, a dor, a miséria, a marginalidade, a morte, a denúncia do grotesco e o